



Companhia Nacional de Bailado

Supernova The Look

Iratxe Ansa - Igor Bacovich
Sharon Eyal

17 OUT — 27 OUT

Teatro Camões

Lisboa, Teatro Camões

OUTUBRO

Dias 17, 18, 24 e 25 às 20:00

Dias 19 e 26 às 18:30

Dias 20 e 27 às 16:00

Vamos Falar de Dança

Conversas Pré-Espetáculo

19 de outubro às 17h

Foyer Teatro Camões

No Final Falamos

Conversa entre público e intérpretes

27 de outubro após o espetáculo

Duração 1h22 min. c/ 1 intervalo

M/6

Companhia Nacional de Bailado

Supernova The Look

17 OUT — 27 OUT

Teatro Camões

**Iratxe Ansa - Igor Bacovich
Sharon Eyal**

2024/2025 Fernando Duarte Direção artística



Caros públicos,

Bem-vindos ao renovado Teatro Camões e ao primeiro programa da Temporada 2024-2025! É com grande satisfação que regressamos ao nosso Teatro e vos abrimos de novo as suas portas e o seu palco!

A estreia em Portugal de bailados da dupla Iratxe Ansa & Igor Bacovich e da singular Sharon Eyal, reforça em ato contínuo o grande repertório da Companhia Nacional de Bailado, em paralelo com a recente e desejada requalificação do nosso teatro, naquilo que é também o cumprimento contemporâneo da nossa missão cultural e artística.

O programa que se apresenta diante de todas e de todos, é em si mesmo um sentido de abertura ao novo, à diversidade de expressão e ao permanente diálogo com a memória coletiva. Desejamos, assim, que a partir deste programa e em diante, numa perspetiva de *Supernova*, que se proporcione um portentoso desencadear de novas possibilidades criativas, que permanentemente entusiasme o olhar (*The Look*) atento, curioso e livre dos nossos públicos.

Bom espetáculo!

Fernando Duarte
Director Artístico

Supernova Anyah Siddall, Leonor de Jesus e Katarina Gagik



Supernova Frederico Loureiro, Miguel Ramalho e Patricia Main





The Look Anyah Siddall, Francisco Gomes, Inês Ferrer, João Costa e Tatiana Grenkova



The Look Patrícia Main

Supernova Francisco Gomes, Mariana Costa, Raquel Fidalgo e Bailarinos/as da CNB



Supernova

The Look

Para a reabertura do Teatro Camões, a CNB desenhou um programa com dois nomes da dança que entram pela primeira vez para o seu repertório: a dupla Iratxe Ansa – Igor Bacovich e Sharon Eyal.

Ansa – Bacovich têm desenvolvido um caminho particular, apostando numa linguagem coreográfica que tem por base um método desenvolvido pelos próprios.

Com linguagens e universos muito próprios da dança contemporânea, a sua paixão reside no processo e na procura constante da excelência. As suas criações, incessantemente dinâmicas, são uma manifestação de emoção e tensão.

Com uma carreira como bailarina e coreógrafa, Sharon Eyal é hoje um nome incontornável da dança. Com um estilo que combina rigor técnico e uma expressividade visceral, as suas obras exploram relações contrapostas como a individualidade e o coletivo, o orgânico e o artificial.

Supernova

Iratxe Ansa, Igor Bacovich

Coreografia, cenografia, figurinos

John Adams *Shaker Loops*

Música

Nicolas Fischtel

Desenho de luz

Paula Marinho

Mestra de costura

Atelier de costura CNB

Confeção de guarda-roupa

Bailarinos e bailarinas da CNB

Interpretação

Companhia Nacional de Bailado

Produção

Duração 31 min.

**Basel, Suíça, Basel Ballet,
28 de janeiro de 2023**

Estreia absoluta

Supernova é uma peça energética e vanguardista estreada no prestigiado Basel Ballet Theatre. Num cenário cósmico, cheio de estrelas brilhantes e cinzas-negras, a dupla cria uma obra pulsante que leva os intérpretes aos seus limites físicos. Guiados pelas forças brutas e pelo som trémulo de *Shaker Loops* de John Adams, os intérpretes são transformados num único corpo, serpenteando continuamente sob tensão.

Sem supernovas, uma explosão estelar poderosa e luminosa, não haveria mudança, nem vida, nem provavelmente seres humanos. Fascinados por este fenómeno cósmico, simultaneamente explosivo e destrutivo, mas também belo, brilhante e criativo, os artistas dão vida a um espetáculo vibrante e emocional. Após uma viagem pelas mais diversas metamorfoses, constelações de grupo e estados de pura tensão, chega o alívio e a exaustão total que permanecem brilhando diante dos nossos olhos. É o brilho da estrela extinta: uma transformação interior.

Elenco



The Look

Sharon Eyal

Coreografia

Gai Behar

Cocriação

Ori Lichtik

Música

***Open Again* by Thom Yorke, *Untitled* by Kasena Nankans**

Música adicional

Rebecca Hytting

Figurinos

Alon Cohen

Desenho de luz

Daniel Norgren-Jensen

Remontagem coreográfica

Paula Marinho

Mestra de costura

Atelier de costura CNB

Confeção de guarda-roupa

Bailarinos e bailarinas da CNB

Interpretação

Companhia Nacional de Bailado

Produção

The Look foi originalmente encomendado pela Batsheva Dance Company

Duração 35 min.

Israel, Tel Aviv, Batsheva Dance Company, The Suzanne Dellal Center, 14 de março de 2019

Estreia absoluta

Sharon Eyal é atualmente diretora artística da Sharon Eyal Dance, S-E-D. É uma das grandes referências da dança, sendo regularmente convidada a criar para grandes companhias de repertório, para além das criações que faz na sua própria estrutura.

Criada em 2019 para a Batsheva Dance Company, *The Look* é marcada por uma intensa fisicalidade e um movimento simultaneamente fluido e mecânico, criando um efeito hipnótico. Eyal explora a relação entre os intérpretes e o espaço, utilizando movimentos repetitivos e sincronizados que captam a atenção do público desde o primeiro momento.

Elenco





Biografias

Os percursos profissionais de Iratxe Ansa e Igor Bacovich cruzaram-se em 2013. Desde então, criaram inúmeras peças como coreógrafos convidados para companhias de dança e instituições culturais de renome.

Simultaneamente, desde 2019, Iratxe Ansa e Igor Bacovich dirigem a sua própria companhia, Metamorphosis Dance, com a qual desenvolveram a sua própria linguagem e linha estética.



Iratxe Ansa

Iratxe Ansa (nascida em San Sebastian, 1976) iniciou os seus estudos no País Basco, Espanha, e terminou a sua formação na John Cranko Schule, Estugarda, Alemanha.

Na sua carreira de bailarina, entre 1994 e 2010, integrou o Ballet de Basileia, o Ballet Gulbenkian, a Companhia Nacional de Dança de Espanha, o Ballet da Ópera de Lyon e o Nederlands Dans Theater. A sua variedade de registos e a sua criatividade foram sempre um recurso importante para os coreógrafos.

Esta vasta bagagem profissional permitiu-lhe desenvolver a sua carreira como artista independente e explorar a sua própria voz como criadora.

O reconhecimento do seu trabalho no mundo da dança traduziu-se em vários prémios, entre os quais se destaca o Prémio Nacional de Dança na categoria de Intérprete (Espanha 2020). O júri focou o seu excepcional “alcance como intérprete, que a faz brilhar para além do trabalho puramente físico, e a mestria com que alimenta o corpo para transcender a técnica numa evolução constante e versátil”. Recebeu também o Prémio Max de Melhor Intérprete de Dança Feminina (Espanha, 2021) pelo seu desempenho na peça *Al Desnudo*.

Igor Bacovich



Igor Bacovich (nascido em Turim, 1982) iniciou os seus estudos na Accademia Nazionale di Danza de Roma, em Itália, e licenciou-se na CODARTS (Roterdão, Países Baixos). Neste último país, trabalhou como bailarino para diferentes companhias de dança holandesas durante cinco anos.

No entanto, nem toda a sua carreira profissional está relacionada com a dança. Durante oito anos, dedicou-se ao trabalho social, que teve um papel fundamental na formação do seu espírito criativo e inquisitivo. Estas experiências proporcionaram-lhe recursos valiosos para o seu percurso profissional posterior.

Em 2013 regressou ao mundo da dança. Em 2019, criou a companhia Metamorphosis Dance juntamente com a coreógrafa Iratxe Ansa.

O trabalho artístico de Igor Bacovich foi reconhecido com o prestigioso Premio Nazionale Sfera D'Oro per la Danza (Itália, 2021).



John Adams

Nascido e criado em Nova Inglaterra, Adams aprendeu a tocar clarinete com o seu pai e tocou em bandas marciais e orquestras comunitárias durante os seus anos de formação. Começou a compor aos dez anos de idade e as suas primeiras peças orquestrais foram apresentadas quando ainda era adolescente. Compositor, maestro e pensador criativo, John Adams ocupa uma posição única no mundo da música. As suas obras destacam-se entre as composições clássicas contemporâneas pela sua profundidade de expressão, pelo brilho do som e pela natureza profundamente humanista dos seus temas. Obras que abrangem mais de três décadas estão entre as mais executadas de toda a música clássica contemporânea, destacando-se *Nixon in China*, *Harmonielehre*, *Doctor Atomic*, *Shaker Loops*, *El Niño*, *Short Ride in a Fast Machine* e *The Dharma at Big Sur*. As suas obras para palco, muitas delas em colaboração com o encenador Peter Sellars, transformaram o género do teatro musical contemporâneo. Adams recebeu inúmeros prémios Grammy, muitos deles pelos seus mais de trinta lançamentos na Nonesuch Records. Como maestro, Adams dirige as principais orquestras do mundo em repertório que vai de Beethoven e Mozart a Stravinsky, Ives, Carter, Glass e Ellington. Os compromissos de regência em temporadas recentes e futuras incluem a Sinfónica de Londres, a Filarmónica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Filarmónica de Los Angeles e a Filarmónica de Nova Iorque.

Adams recebeu doutoramentos honorários de Yale, Harvard, Northwestern, Cambridge e da Juilliard School. Escritor provocador, é autor da aclamada autobiografia *Hallelujah Junction* e é colaborador frequente da New York Times Book Review. Desde 2009, Adams é o presidente da Creative Chair da Filarmónica de Los Angeles.

Sharon Eyal



Sharon Eyal foi bailarina na Batsheva Dance Company entre 1990 e 2008. Entre 2003 e 2004 foi diretora artística associada da Batsheva e coreógrafa da companhia de 2005 a 2012.

Em 2005, fez uma parceria com Gai Behar, que tem colaborado nas suas criações desde então. Em 2013, Eyal e Behar fundaram a sua companhia de dança, Sharon Eyal Dance Company. O seu repertório é co-produzido com algumas das principais instituições culturais de dança em todo o mundo.

Paralelamente ao seu trabalho com a Sharon Eyal Dance Company, Eyal e Behar criam peças encomendadas para outras companhias, incluindo o Nederlands Dans Theater, a Ópera de Paris, a Göteborgs Operans Danskompani e muito mais. As suas criações receberam vários prémios de prestígio, como o Prémio de Teatro Alemão Der Faust (2018) e o prestigiado Prémio Fedora Van Cleef & Arpels para Ballet 2017.

Eyal e Behar colaboram frequentemente com grandes nomes fora do mundo da dança tradicional. Trabalharam em vários desfiles de moda com Christian Dior Couture e Maria Grazia Chiuri, desenvolveram projetos com a editora musical Young e participaram no álbum *I Am Easy To Find* dos The National e Mike Milles, com Eyal a dançar nos videoclips das canções *Hairpin Turns* e *Hey Rosey*, bem como a atuar ao vivo no concerto de abertura da sua digressão internacional no L'Olympia em Paris.



Ori Lichtik

Músico, membro da equipa artística da L-E-V Dance Company de Sharon Eyal e Gai Behar, DJ e baterista.

Ori é um dos fundadores da cena techno de Tel-Aviv nos anos 90, onde iniciou a sua carreira como DJ e produtor de festas techno e raves. Desde 2006, Ori tem colaborado com Sharon Eyal e Gai Behar como músico na equipa artística. Em vez de compor as bandas sonoras, Ori participa nos espectáculos de L-E-V, nos quais constrói, toca e caracteriza a música em cada espetáculo.

A singularidade do trabalho de Lichtik é a combinação dos vários mundos musicais numa banda sonora evolutiva e refinada, cheia de paixão e *groove*, que, juntamente com a coreografia, proporciona ao espectador uma experiência completa e hipnótica. As bandas sonoras de Lichtik são influenciadas por diferentes estilos e texturas, desde gravações industriais e de tribos africanas, passando pelo hip-hop até à música barroca. A música de Ori é uma das características mais proeminentes e invulgares dos espectáculos de dança de Sharon Eyal e Gai Behar.

Ao longo dos anos, Ori criou várias obras para o L-E-V, companhias de dança e casas de ópera em todo o mundo.

Ori criou ao lado de Sharon e Gai durante todo o processo coreográfico, reflectindo os movimentos dos bailarinos e inspirando-os e estimulando-os com o tom e o ritmo dos seus sons e ritmos percussivos.



Longe, na (in)quietude dos céus. Perto, em (multi)versos terrenos.

Supernova é um conjunto de retalhos de uma explosão estelar, onde a disputa entre o equilíbrio e o caos antevê um novo começo. Um ponto de luz antecipa-se a uma intrigante procura pelo desconhecido, num espaço onde os corpos se movem agitadamente, numa esperança de recomeço. É um espaço transcendental, hipoteticamente inacessível ao olhar humano e, por isso, também é um lugar especulativo, criado por segmentos que se (re)organizam recorrentemente num cosmos distante.

Conceptualmente centrado num evento astronómico designado como supernova, a obra de Iratxe Ansa e Igor Bacovich expõe a inquietude de corpos celestes num espaço cénico coberto por cinzas e iluminado por um conjunto de pontos de luz que buscam um novo início, para assim se voltarem a alinhar.

Um silêncio agitado antecede o clímax da cena coreográfica, que faz conviver, lado a lado, dois universos: o real e o utópico; o possível e o impossível. A pulsação luminosa, que invade esporadicamente a cena, acompanha as tensões que surgem da construção sucessiva de “correntes humanas”, que se formam corpo-em-corpo, paulatinamente, procurando encaixar-se num anseio pela perfeição. Há uma busca constante da relação com um outro corpo, numa tentativa de construir soluções para um aparente dilema anunciado.

Por seu turno, a destreza das ações corpo-a-corpo acompanham o virtuosismo técnico e a amplitude do movimento, condizente com as possíveis erupções que surgem naturalmente da força deste turbilhão astronómico. Estas conjugações dos corpos no espaço surgem através das relações de contacto estabelecidas entre eles, tateando-se entre si na busca de uma força coletiva indestrutível.

A contração e expansão do espaço são constantes, tal como a pulsão destes organismos, outrora inanimados, unidos por um propósito, que ganham vida na vibrante ambiência musical de John Adams. Uma obra musical, igualmente complexa, flui de cena em cena, acompanhando uma miríade de fenómenos. Há uma criação constante de constelações que se dilatam e comprimem à procura de uma nova vida.

Nesta zona cinzenta, entre a destruição e a (re)criação, ficará algo para trás? Será que há algo que se perde, quando tudo se transforma? Os diversos fragmentos que se unem, meticulosamente, criam pequenas formas angulares, em constante mutação, saídas de uma tal explosão luminosa que indicou o lugar da finitude. Porém, a construção de um novo lugar é, por si só, um desafio infinito. Há, assim, um constante fervilhar dos corpos, magneticamente unidos entre si, em busca da transformação.

A complexa explosão estelar instaura em palco um caos organizado, metamorfoseando diversas configurações coreográficas que sustentam as vontades coletivas, esporadicamente isoladas entre si, para a criação de algo novo, num velho-novo universo. Há pontos de fuga formados em redor do caos, que se materializam em hipóteses e gestos de tentativa e erro.

Pragmaticamente, o evento “supernova” surge da (in)certeza da continuidade do fim: uma estrela que colapsa na própria gravidade e poderá dar origem a um novo mundo, provavelmente descoberto num futuro longínquo. Ou seja, a tranquilidade dos céus e a sua invisibilidade destrutiva, além-fronteiras, é desvelada por este grande grupo de corpos vivos, que incorporam com destreza, agilidade e minúcia as qualidades que permitem expor e caracterizar o inacessível.

Aqui materializa-se o que outrora existiu nos invisíveis céus longínquos, que, inevitavelmente, se podem relacionar com a visibilidade das ações terrenas. A imperfeição na criação de algo novo surge, naturalmente, como meio para construir algo maior. O altruísmo dos corpos que se vão unindo cena após cena, procura uma força conjunta que trilha o caminho para uma possível reconstrução ou uma expectável transformação.

Contrastante com os gestos “violentos” e assertivos, tão presentes ao longo da peça, surge uma plenitude criada pelo planar dos corpos nos desafios da gravidade gélida. Daí, brotam umbilicalmente novos “duelos”, que emergem de um novelo emaranhado, tecido cuidadosamente corpo-por-corpo. Constroem-se, então, variações visuais de um corpo que se desdobra em vários, onde a repetição, o eco, a memória ou a ressonância, estabelecem o equilíbrio entre a individualidade e a coesão. Cada elemento contribui singularmente para o objetivo definido: a recriação da matéria.

A origem do desconhecido procura replicar o que existiu? O avesso à mudança inibe a vontade de transformação? Há, porventura, um deslumbramento pela novidade, em contraponto com incerteza da sua utilidade. Dar luz a uma nova vida é também contribuir para a sua construção. Passo a passo, numa incerteza constante, há um desejo maior, também ele incógnito. Entre o medo do que está por vir e a certeza de que este novo lugar será um contributo para o caminho anunciado, surgem gestos de esperança que iluminam a cena e vislumbram a prosperidade dos propósitos futuros.

Tão longe da (in)quietude dos céus, mas tão perto dos (multi)versos terrenos, **Supernova** surge da necessidade do convívio com as consequências do caos... Um caos que entrevê a esperança de novos encontros, provocados pela necessidade de renovação. Estreada no Basel Ballet Theatre, **Supernova** é o exemplo de uma obra que materializa fenómenos dificilmente acessíveis ao olhar humano, mas que em tanto se podem relacionar com os constantes desafios de (re)criação que cada um enfrentará, diariamente, na sua vida.

João Fernandes

Professor Adjunto da Escola Superior de Dança do Instituto Politécnico de Lisboa e Investigador do Instituto de Etnomusicologia – centro de estudos em música e dança





Super nova Katarina Gagic e bailarinos/as da CNB



The Look Bailarinos/as da CNB

Um olhar focado em gestos de decisão.

The Look é uma longa e inquietante caminhada para um desconhecido. Dezassete corpos em cena percorrem um caminho aparentemente sem fim, salvo por gestos de decisão.

Explorar, recorrentemente e de forma profunda, as relações entre o ser individual e o grupo a que este pertence é uma característica das obras de Sharon Eyal. Aqui materializado num cenário de corpos pós-humanos que se afirmam numa linguagem coreográfica, que reside na fusão entre o orgânico do corpo e a precisão mecânica do movimento, transcendendo a fisicalidade canónica do ser humano. Se, por um lado, a mecanização do movimento se associa à rigidez do corpo, provocada pela tensão constante que advém da percepção de outrem, por outro, a sensualidade crescente do movimento surge não de forma provocatória, mas como o recurso existente para desvelar os desejos partilhados entre todos, porém encobertos pela irreversível dinâmica grupal.

Há uma nítida metamorfose do corpo do início ao final da peça – onde coexistem o orgânico e o artificial; o moderno e o tradicional – acompanhada pela crueza evidenciada pelos figurinos de Rebecca Hytting. Estes, se por um lado, procuram a neutralidade e a unidade daquele grupo, por outro, criam uma segunda pele, incompleta e opaca, onde apenas se evidenciam algumas partes do corpo, pálidas, fundamentais para a expressividade dos pequenos gestos singulares e deliberadamente afirmativos.

As relações de unísono são constantes: uma massa humana que ocupa o espaço num pulsar vibrante, por vezes inquietante. Uma marcha lenta em direção ao vazio cria tensões que aguardam por uma tomada de decisão. Quem será o primeiro corpo a ceder? É possível ceder? O movimento grupal, persistente, cria uma tensão de corpos presos em si mesmos. Há um espaço nitidamente individual, pese embora se encontrem todos numa sincronia hipnotizante, por vezes constringedora. Constringedora, não pela forma como se repete, mas pelas várias tentativas ininterruptas de sair de um ciclo aparentemente vicioso.



Da sincronia dos movimentos repetitivos surgem rasgos da singularidade, onde o lado individual dos “corpos usurpadores” emerge de forma inusitada e sem pudor em relação aos restantes elementos do grupo. Assim, este é também um espaço onde a vulnerabilidade individual é colocada à prova. Um espaço de tensão sustentado pelo ambiente envolto, criado entre a sonoridade eletrônica, por vezes tribal, do compositor Ori Lichtik, e a penumbra fria que progressivamente se vai ampliando no espaço, trazida pelo desenho de luz de Alon Cohen.

Há uma contenção no movimento, quase como se não fosse possível sair de uma rotina imposta pelo grupo. Há uma tensão no corpo, que procura insistentemente o que está em seu redor, em pequenos olhares contrastantes, porém subtis, quase imperceptíveis, que surgem como um fôlego para a salvação. Este parece ser um lugar de contenção das emoções, inevitavelmente quebrado por uma força interior, incapaz de resistir ao efeito do outro. Parece existir a necessidade de trilhar novos caminhos em horizontes mais amplos. A resistência ao grupo é tentadora... Contudo, este não é um espaço de rendição, mas sim um lugar de afirmação.

A individualidade alia-se ao prazer de poder romper convenções e surge também como mote para poder contaminar o outro, nitidamente “embriagado” e “poluído” por uma energia coletiva. Desconectado do “próximo”, não há preocupação com o olhar do outro. Contudo, há um olhar para com outro. Um olhar que se evidencia, não no seu sentido mais literal, mas sim pela capacidade que tem de o influenciar com a sua presença. Quem será o próximo? Onde está a coragem para sair do mesmo lugar?

O minimalismo crescente imposto por gestos subtis torna-se incontrollável. Há uma vontade coletiva, um desejo individual de olhar, um anseio de, com este, mobilizar. Há um ritual constante. Uma veneração que se vai esvanecendo... Uma veneração ao outro, mas também a um lugar desconhecido, supostamente imperturbável e inquestionável pelo coletivo. A rutura para com este lugar é o mote para a afirmação. Poderemos escolher mudar? Podemos tentar encontrar outros lugares? Podemos congregiar motivos particulares, num espaço coletivo?

Há uma estranheza constante sobre este novo lugar desconhecido, provavelmente não alcançável, mas ansiado por todos. Este é o objetivo maior que se perpetua na obra – uma vontade eterna de nos continuarmos a mover, sem pudor.

Criado originalmente em 2019 para a Batsheva Dance Company, **The Look** é uma experiência imersiva, onde os pequenos gestos singulares evidenciam o requinte da individualidade que emerge da (im) perfeição criada pelo universo coletivo.

João Fernandes

Professor Adjunto da Escola Superior de Dança do Instituto Politécnico de Lisboa e Investigador do Instituto de Etnomusicologia – centro de estudos em música e dança



The Look Emily Stewart e João Costa

Companhia Nacional de Bailado

Direção Artística

Fernando Duarte

Bailarinos Principais

Ana Lacerda
Alexandre Fernandes
Carlos Pinillos
Filipa de Castro
Inês Amaral
Mário Franco
Miguel Ramalho

Bailarinos Solistas

Francisco Sebastião *
Francisco Gomes
Irina de Oliveira
Isabel Galriça
João Costa
Lourenço Ferreira
Luís d'Albergaria
Miyu Matsui
Paulina Santos
Tatiana Grenkova

Bailarinos Corifeus

África Sobrino
Almudena Maldonado *
Andreia Mota
Andreia Pinho
Annabelle Barnes
Anyah Siddall
Catarina Grilo
Frederico Gameiro
Gonçalo Andrade
Henriett Ventura
Inês de Serra E Moura
Inês Ferrer
Katarina Gajic
Leonor de Jesus
Maria João Pinto
Maria Santos
Nuno Fernandes
Patrícia Main
Raquel Fidalgo
Tiago Amaral
Xavier Carmo

Corpo de baile

Aeden Pittendreigh*
Barbara Brigatti
Beatriz Williamson
Bernardo Costa
Carla Pereira
Christian Schwarm
Diogo Bettencourt
Dylan Waddell
Elsa Madeira
Emily Stewart
Emma Sicilia
Filipa Pinhão
Francisco Couto
Francisco Morais
Frederico Loureiro
João Pedro Freitas
Jorge Palacios
Joshua Earl
Luca Driesang
Mar Escoda
Margarida Pimenta
Maria Barroso
Maria Girardin
Mariana Ferreira
Marina Figueiredo
Martim Ribeiro
Michelle Luterbach
Miguel Esteves *
Nanae Yagisawa
Nikolay Iossifov
Paolo Ciofini
Ren Yamada
Ruxandra Popa
Silvia Santos
Susana Matos

Mestres de Bailado

Barbora Hruskova
Freek Damen
Peggy Konik
Tom Colin

Ensaaiador

Rui Alexandre

Professor

Filipe Macedo

Coordenação Artística Executiva

Filipa Rola

Coordenação Musical

Filipe Tordo

Professor Convidado

Didier Chape**

Pianistas Convidados

Humberto Ruaz***
Nuno Feist**

Direção de Produção

Margarida Mendes *Direção*
Carla Almeida
Bruno Silva
Inês Amaral
Marta Sobreira

Setor de Costura

Paula Marinho *Chefe de setor*
Ana Sofia Fernandes
Conceição Santos
Diogo Santos
Helena Marques

Direção Técnica

Cristina Piedade *Direção*

Setor de Maquinaria

Vitor Osorio *Chefe de setor*
Marco Jardim
João Martins
Sérgio Torres

Setor de Som e Audiovisuais

Bruno Gonçalves
Chefe de setor
Luís Nunes
Paulo Fernandes

Setor de Iluminação

Pedro Mendes *Chefe de setor*
Daniel Morais
Frederico Albuquerque
Paulo Godinho

Direção de Cena

Henrique Andrade *Direção*
Ricardo Limão

**Conservação
de Guarda-roupa**

Carla Cruz *Chefe de setor*
Cristina Fernandes

**Gabinete de Comunicação
e Marketing**

Pedro Mascarenhas
Coordenação
Maria Teixeira

Vídeo e Arquivo Digital

Marco Arantes

Gabinete de Fisioterapia

Clinica Lambert**

Osteopata

Luís Malaquias

**OPART – ORGANISMO DE
PRODUÇÃO ARTÍSTICA,
E.P.E.****Conselho de Administração**

Conceição Amaral *Presidente*
Rui Morais *Vogal*
Sofia Meneses *Vogal*

**Gabinete de Apoio ao
Conselho de Administração**

Ana Fonseca
Anabela Tavares
Catarina Paulino
Fernanda Rodrigues
Tânia Alves
Nuno Pólvora

**Serviço Educativo
e de Pedagogia**

Jorge Rodrigues
Pedro Teixeira da Silva

**Direção Financeira e
Administrativa**

Marco Prezado *Direção*

Setor Financeiro

Fátima Ramos *Chefe de setor*
Rute Gato
Raquel Mergulhão

Setor de Aquisições

Edna Narciso *Chefe de setor*
Marta Gamito

Setor de Limpeza

Maria Teresa Gonçalves
Encarregada
Maria de Lurdes Moura
Maria do Céu Cardoso
Maria Isabel Sousa

**Setor de Expediente
e Economato**

Anabel Segura

Setor de Bilheteira

Laura Barbeiro
Luísa Lourenço
Rita Martins

**Direção de Recursos
Humanos**

Pedro Quaresma *Direção*
Jéssica Santos
Sofia Teopisto
Vânia Guerreiro
Zulmira Mendes

**Direção de Comunicação
e Marketing**

Sara Gil *Direção*

Direção de Manutenção

Vitor José *Direção*
Armando Cardoso
Artur Raposo
Carlos Pires
Miguel Cardoso
Nuno Cassiano
Nuno Estevão
Susana Santos
Rui Ivo Cruz
Rui Rodrigues

Gabinete de Informática

Márcio Carez
Pedro Penedo

* Licença sem vencimento

** Prestação de serviços

*** Representado pela

Pronobis

Informações ao público

Não é permitida a entrada na sala enquanto o espetáculo está a decorrer (DL n.º 23/2014, de 14 de fevereiro);

É expressamente proibido filmar, fotografar ou gravar durante os espetáculos;

É proibido fumar e comer/beber dentro da sala de espetáculos;

Não se esqueça de, antes de entrar no auditório, desligar o seu telemóvel;

Os menores de 3 anos não podem assistir ao espetáculo nos termos do DL n.º 23/2014, de 14 de fevereiro; O programa pode ser alterado por motivos imprevistos.

Espetáculo M/6

Duração: 1h22 (aprox.)

C/ 1 intervalo de 20m

Ficha Técnica Editorial

Coordenação

Pedro Mascarenhas

Edição e Revisão

Maria Santos

Pedro Mascarenhas

Textos

João Fernandes

Fotografia de Capa

Filipa Cavaco

Fotografias de Ensaio

Hugo David

Design Gráfico

The Other Studio

Impressão

Lidergraf

Tiragem

2200 exemplares

Outubro 2024



Parceiro Institucional



Parceiro de Comunicação



Apoio à Comunicação



Projeto de requalificação do Teatro Camões



Conheça a programação
completa em **cnb.pt**



Bilhetes à Venda BOL.PT e locais habituais

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

CN **B** COMPANHIA
NACIONAL
DE TEATRO